

Organização
José Francisco Meirinhos
Paula Oliveira e Silva

AS DISPUTAÇÕES METAFÍSICAS
DE FRANCISCO SUÁREZ

ESTUDOS E ANTOLOGIA DE TEXTOS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2011

**AS DISPUTAÇÕES METAFÍSICAS DE FRANCISCO SUÁREZ
ESTUDOS E ANTOLOGIA DE TEXTOS**

Organização: José Francisco Meirinhos / Paula Oliveira e Silva

Capa: Fábrica Mutante

© Autores e Gabinete de Filosofia Medieval / FLUP

Ed. da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Edições Húmus, Lda., 2011

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 252 301 382 Fax: 252 317 555

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.^a edição: Dezembro de 2011

Depósito legal: 338223/11

ISBN: 978-989-8549-35-8

TÁBUA DE CONTEÚDO

<i>Ao leitor, sobre a Metafísica como ciência humana</i> , José Meirinhos	VII
Colaboram neste volume	XV

ESTUDOS

Paula Oliveira e Silva <i>As Disputações Metafísicas nas encruzilhadas da razão ocidental</i>	3
--	---

I – A CIÊNCIA 'METAFÍSICA'

Costantino Esposito <i>'Habere esse de essentia sua'. Francisco Suárez e a construção de uma Metafísica barroca</i>	33
--	----

Adelino Cardoso <i>Identidade entre essência e existência: Significado de uma tese suareziana</i>	53
--	----

Ángel Poncela González <i>Ens realis et realitas objectalis: La determinación suareciana del objeto de la Metafísica</i>	65
---	----

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento <i>A subalternação das ciências e sua não aplicação à relação das demais ciências com a Metafísica</i>	91
---	----

José Jivaldo Lima <i>Os sentidos de 'substância' e 'acidente' na Disputação Metafísica XXXIX de Francisco Suárez</i>	99
---	----

II – TRANSCENDENTAIS

Paulo Faitanin <i>De unitate individuale eiusque principio. Francisco Suárez y el principio de la unidad individual de la sustancia</i>	115
--	-----

Santiago Orrego <i>Distinctio: Los «géneros de distinción» – Su sentido e importancia en la ontología de Suárez</i>	135
--	-----

Paula Oliveira e Silva <i>Que significa ‘verum’ no conhecimento? O conceito de veritas cognitionis na Disputação VIII, Secções I e II</i>	173
Roberto Hofmeister Pich <i>O transcendental verum na Disputatio VIII, 7, das Disputationes Metaphysicae de Francisco Suárez</i>	205
III – CAUSALIDADE	
Marta Mendonça <i>Causas contingentes e causas livres – o determinismo de Suárez na Disputatio XIX</i>	231
Cruz González-Ayesta <i>Duns Scotus’s Influence on Disputation XIX</i>	257
Manuel Lázaro Pulido <i>Comentário a la Disputatio XXV: Causalidad ejemplar</i>	293
ANTOLOGIA das Disputações Metafísicas	
Razão e percurso de toda a obra. Ao Leitor	323
Proémio	327
Disputação I, seção I	329
Disputação I, seção V	351
Disputação V, seções I, II, III, V, VI	355
Disputação VII, secção I	433
Disputação VIII, secções I a V	457
Disputação VIII, seções VII e VIII	497
Disputação XXXI, secção III	535
Disputação XXXIX, secção I	541
ÍNDICES	
<i>Autores Antigos, Medievais e do Renascimento</i>	555
<i>Autores Modernos e Contemporâneos</i>	559
<i>Índice temático de Francisco Suárez</i>	563

DISPUTAÇÃO XXXI SECÇÃO III *

COMO E EM QUE É QUE SE DIFERENCIAM, NAS CRIATURAS, O ENTE EM POTÊNCIA E O ENTE EM ATO, OU A ESSÊNCIA EM POTÊNCIA E EM ATO

1. Nesta secção, importa estabelecer outro princípio e fundamento do que vai ser dito: seguramente nas coisas criadas o ente em potência e o ente em ato distinguem-se imediata e formalmente enquanto simplesmente ente e não-ente. Alguns chamam esta distinção ‘real negativa’, já que um extremo é uma coisa verdadeira e o outro não; outros chamam-lhe ‘ente de razão’, porque não se trata de duas coisas mas apenas de uma, que é concebida e comparada pelo entendimento como se fossem duas. E este princípio é comumente aceite inclusive na escola de S. Tomás, como se constata pelo livro de *Metafísica IX*, questão 3 e outros.

ACERCA DA POTÊNCIA OBJETIVA: EM QUE CONSISTE

Para que, efetivamente, se compreenda este princípio, que é muito necessário para o que vamos dizer, importa advertir que alguns julgaram que o ente em potência designa algum modo positivo de ser da coisa que se diz estar em potência, que é um ente diminuto e imperfeito, comparado com o estado em que se diz que a coisa está em ato. De acordo com esta sentença, deve dizer-se que aqueles dois extremos são reais e positivos. Costuma atribuir-se esta opinião a Escoto, em II, dist. 16, q. 1, § *Rationes istae*, porque distingue a potência pela qual se denomina ente em potência, da potência ativa e passiva; e, portanto, costuma chamar-se objetiva, com base no mesmo Escoto, em II, dist. 12, q. 1, e segundo ele julga-se que é algo de real e positivo da parte do ente que se diz estar em potência. Mas nem Escoto afirmou este último, nem isto tem em si nenhuma verosimilhança. Com efeito, Escoto nunca entendeu que a potência puramente objetiva fosse algo positivo distinto da causa produtora e pressuposto para a ação desta por parte da coisa possível. E mais, se se ler atentamente, nega-o abertamente na dita distinção 12; logo, só chamou ‘ente em potência objetiva’ ao próprio ente

* Tradução de Adelino Cardoso.

Francisco Suárez, *Disputationes metaphysicae*. Disputatio XXXI, Sectio III, in *Opera omnia*, Editio nova. Ed. C. BERTON, apud L. Vivès, Vol. 26, Paris 1861, pp. 233-235.

possível porque ele se comporta como objeto da potência produtora. Por conseguinte, só difere no nome, chamando ente em potência objetiva àquilo a que chamamos ente potencial e julga que Aristóteles fala dessa potência objetiva no livro IX da *Metafísica*, quando diz que a potência e o ato existem no mesmo gênero; mas já falámos acima sobre o sentido deste axioma e não tem nada a ver com o que está agora em questão.

3. Assim, é evidente que aquele ser em potência ou aquela potência objetiva não possa ser algo verdadeiro e positivo na própria coisa que se diz estar em potência; em primeiro lugar, por aquilo que foi dito no parágrafo anterior, porque ou essa potência é produzida ou é completamente improdúzida; se é improdúzida, não é nada distinto do criador; se é produzida, é-o desde a eternidade e necessariamente - o que se não pode afirmar sem erro; ou é-o livremente e no tempo e, assim, antes de ser produzida, ela própria estava em potência objetiva e, por conseguinte, a coisa inteira, sem tal potência na coisa produzida, estava na potência real e positiva que existia em ato. Em segundo lugar, tal potência ou permanece ou não permanece na coisa produzida. Se não permanece, não pode ser nada de real e positivo; como é que, efetivamente, esse ente, como quer que o imaginemos, se fosse algo de positivo e real, seria destruído mediante a produção do ente em ato? Mas se aquela potência permanece na coisa produzida, então aquela potência já não é meramente objetiva, mas também subjectiva, e as coisas não seriam feitas do nada, mas de uma potência pressuposta, como do sujeito ou matéria da qual se faz a coisa. Em terceiro lugar, mostrámos acima (falando propriamente sobre a coisa positiva e atual) que não há nada de real na essência possível antes que ela seja feita. Logo, não pode haver nela uma potência real positiva, já que toda a potência real positiva é alguma coisa verdadeira ou fundada em alguma realidade e entidade. Por isso, como justamente notou S. Tomás, I, q. 9, a. 2, as criaturas só são chamadas possíveis por denominação com base em alguma potência ativa ou passiva. Quando, porém, esta denominação é tomada da potência passiva ou da potência ativa da causa segunda, então já pressupõe a dita potência produzida por outro, já que a causa segunda, ou alguma potência passiva real, não pode ser totalmente improdúzida. Pelo que (diz S. Tomás) *todas as criaturas, antes de existirem, não eram passíveis de existir mediante alguma potência criada, posto que nenhum [ente] criado é eterno, mas mediante a mera potência divina, enquanto Deus pode produzi-las no ser*. Por conseguinte, da parte das criaturas só se pressupõe que não haja contradição em que sejam produzidas assim, porque se não pode requerer ou pressupor nada de real nelas.

4. E a potência a respeito da qual se diz estarem em potência objetiva, pode ser algo nessas mesmas [criaturas], mas na causa pela qual podem ser

feitas, porque estar em potência objetiva outra coisa não é senão poder apresentar-se como objeto a alguma potência, ou melhor, à ação ou à causalidade de alguma potência. Ora, uma coisa não pode apresentar-se como objeto a si própria, tal como não pode ser feita por si mesma mas por um outro e, conseqüentemente, diz-se que está em potência objetiva em ordem à potência de um outro e, por denominação derivada desta, chama-se uma coisa possível. Logo, resta que o ente em potência enquanto tal não exprime o estado ou o modo positivo do ente, mas antes que, além da denominação derivada da potência do agente, encerra negação, mas que ainda não passou da dita potência ao ato. Assim, portanto, diz-se em potência porque ainda não passou ao ato e, por isso, quando se cria uma coisa, deixa de estar em potência, não deixa de estar sujeita à potência divina e contida nela, mas porque já não está só nela, mas também saída/fora dela e em si própria. Aquele estado em potência excluía este.

O QUE É QUE A ESSÊNCIA EM ATO ACRESCENTA À ESSÊNCIA EM POTÊNCIA?

5. Em segundo lugar, deve observar-se principalmente que, acerca do outro extremo, ou seja, o ente ou a essência em ato, os autores frequentemente dizem que a essência em ato acrescenta a existência à própria essência. Este modo de falar, de acordo com a sentença daqueles que afirmam que a essência existente se não distingue realmente do seu ser (*esse*), deve entender-se necessariamente de uma adição segundo a razão ou impropriamente dita. Com efeito, se nos referimos à essência em ato por comparação com a essência em potência, parece que se diz de um modo pouco próprio que lhe acrescenta a existência porque a adição real não se faz senão a um ente real, porquanto aquilo a que se faz a adição tem algo de entidade; logo, propriamente falando, não se lhe faz uma adição, salvo porventura segundo a razão, na medida em que a essência em potência objetiva é apreendida à maneira de ente (*per modum entis*) e dir-se-ia com mais propriedade que a essência como ente em ato se distingue mediante a existência atual de si mesma enquanto está em potência. Daí que, se nos referimos à essência em ato, de modo nenhum se pode dizer, de acordo com esta sentença, que a essência existente acrescenta a existência à essência em ato, porque a essência que é um ente em ato inclui formal e intrinsecamente a existência; com efeito, por intermédio dela, de acordo com esta sentença, o ente em ato constitui-se e distingue-se do ente em potência, como se disse. Por isso, mais frequentemente recorrem a esse modo de falar os autores que julgam que o ser (*esse*) se distingue realmente da essência da criatura, como é evidente pelos autores acima citados, entre os quais Egidio

Romano, *Quodlibet* I, q. 7, diz que o ser (*esse*) se imprime à essência quando ela é criada e se torna existente. Esta afirmação, se a entendermos a respeito da essência em potência tal como ela era, ou melhor, era pensada antes da eficiência divina, ou é totalmente falsa ou muito imprópria e metafórica: Como é que, efetivamente, o ato se pode imprimir àquilo que não é nada? Com efeito, o ato não pode imprimir-se senão à potência receptiva: ora, a essência assim considerada não está em potência receptiva, mas meramente objetiva. Portanto, a fim de que aquela locução e outras semelhantes possam ter um sentido verdadeiro, de acordo com a sentença anteriormente enunciada, é necessário que ela seja entendida acerca da essência em ato, a qual, comparada com o ser (*esse*), é uma potência receptiva do mesmo, contudo não é a essência atual senão quando recebe o ato de ser.

6. Daqui, porém, segue-se necessariamente, que embora a essência atual apenas difira da potencial a não ser quando existe (*est*), ou também porque está sob o ato de ser, todavia formal e precisamente não difere imediatamente no ato de ser, mas na sua entidade essencial ou no ser da essência atual. Importa dizê-lo, distinguindo realmente a essência atual da existência, tal como a potência real do ato. Porque, tal como mostrámos, o ente em potência objetiva é absolutamente nada ou não-ente em ato; logo, qualquer entidade atual difere do ente em potência formal, imediata e precisamente por aquilo que é no seu género a entidade atual e deixa o ser (*esse*) potencial; mas a essência atual no ser de essência difere da essência em potência, como é evidente, e não difere formal e precisamente pela existência, mas por aquela atualidade que tem em si, distinta da existência, porque a não tinha em ato enquanto estava em potência; logo. Além disso, porque, segundo aquela entidade atual está em potência receptiva da existência, na qual não estava enquanto considerada na mera potência objetiva. Ademais, vê-se claramente na humanidade de Cristo, se se supõe que existe pela existência incriada do Verbo, porque não obstante, ela própria, precisamente concebida, é uma entidade atual criada e portanto também concebida agora como proximamente apta para se unir ao Verbo, o que não tinha antes da criação; portanto, aquela humanidade, como entidade atual da essência, difere de si própria em potência pela sua própria entidade criada da essência e não só pelo ser incriado de Deus.

7. Declara-se e confirma-se mais amplamente o seguinte: com efeito, se a essência e a existência são coisas diversas, tal como a essência pode ser em potência e em ato, também a existência criada está em potência e em ato; e tal como a essência não pode ser atual, a não ser ligada à existência, assim também a existência não pode ser atual a não ser ligada à essência. No entanto, formal e intrinsecamente a existência atual não difere de si pró-

pria como potencial pela essência, mas pela sua entidade atual, que não tinha em ato enquanto estava em potência; o mesmo se passa, portanto, com a essência, se a compararmos consigo própria em potência, segundo a atualidade separada (*praecisam*) da essência. De igual modo, não só a essência separada e a existência separada, mas também o todo composto de ser e essência pode ser concebido por nós como em potência e em ato, como é evidente; todavia este ente em ato não se distingue adequadamente de si próprio em potência, porque acrescenta a existência à essência, já que em ambos os estados inclui a existência de modo proporcionado; mas difere pela sua entidade inteira adequada porque, seguramente enquanto está em ato, tem a atualidade da essência e da existência, ao passo que, enquanto está em potência, não tem nenhuma delas.

8. Por conseguinte, é universalmente verdade, segundo o princípio acima avançado, a saber, que o ente em ato e o ente em potência se distinguem de modo imediato formalmente como ente e não-ente e não como se se acrescentasse um ente a outro ente. E, conseqüentemente, é também verdade que a essência enquanto ente atual se distingue imediatamente da essência potencial pela sua própria entidade atual, quer requeira outra entidade ou outro modo para a ter, quer não; porquanto a razão da essência em ato é a mesma de qualquer ente em ato. Daí que, para falar formalmente e abstrairmos de toda a opinião, não deve dizer-se que a essência atual se distingue da potencial porque tem a existência, pois, embora também isso se possa verificar, ou formal e proximamente, ou radical e remotamente, de acordo com várias opiniões, não obstante formalíssima e imediatamente, em toda a sentença separa-se a essência atual da potencial pela sua própria entidade atual, que tem na razão de essência atual.